

# O ARARIPE.

ANNO V.

SABBADO 15 DE DESEMBRO DE 1860

NUMERO 246.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideas livres, protejer a causa da justiça, e propugnar pela fiel observancia da lei e interesses locais. A redacção se é responsavel pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverão vir legalizados. O preço da assignatura é por um anno 4 2000 pagos adiantados; e por 6 meses somente 2 000. O jornal sairá todos os sabbados. Os assignantes terão gratis 8 linhas por mez as mais será pagas a 60 rs. cada uma e 80 rs. os outros.

CRATO:—TYPOGRAPHIA DE MONTE & COMP.—CASA DO PISA—N.º

## O ARARIPE.

### DUAS PALAVRAS Á GASETA.

Quem houver lido o que temos escripto a respeito da morte do nosso amigo o sr. J. Romão; quem houver apreciado os factos que historiamos, e estão hoje no dominio do publico, terá visto que fomos por diante, sem deitarmos muito reparo para o que a cerca do mesmo assumpto tem dito a Gasetta.

De facto até arrefecemos um pouco na replica, e abrimos uma tregua á polemica.

Mas não foi sem um fim que assim procedemos; nós queriamos aprofundar a verdade; queriamos descobri-la através aos rumores vagos da opinião que não deviamos acatar logo sem exame; queriamos em fim fazer mais que a propria autoridade, que recou ao dar o primeiro passo como que apavorada de uma sombra que desejava evitar; e hoje estamos intimamente convencido, de que se houvessemos escripto em uma terra, onde a policia não olhasse sempre as cousas por um prisma politico, e não tivesse interesse em virar antes um ultraje a seo partido do que a causa da lei e da justiça, teriamos prestado um serviço relevante á essa mesma causa.

A Gasetta entretanto toma sempre um caminho diverso, discompõe em ves de discutir, invectiva em ves de raciocinar, e sem mais exame dis que tudo é mentira.

É uma triste prova do que acabamos de dizer, o artigo edictorial desse pasquim apparecido em 10 do corrente, artigo q' com quanto ja tenhamos respondido, nas reflexões que havemos feito sobre a materia, carece ainda de uma breve analyse, ou antes que o consideremos debaixo de outros pontos de vista, para que o publico conheça de que lado está a mentira, o embuste, e o jesuitismo.

Esclarecendo porem este ponto, nós lançaremos á margem as questões pessoais, porque quem escreve com consciencia deve sempre votal-as ao mais soberano desprezo.

Por certo que aproveita uma defesa ao sr. Ratisbona a quem a Gasetta insulta, ao sr. Macedo a quem accima de ignorante, se a Gasetta não escreve sem insultar, se é este o seo mister, o talento de sua redacção?

Que aproveita aceitarinos uma discussão neste terreno, se mesmo não podemos igualhar ao gaseteiro na sciencia do embuste e do doesto? Nesta arena desde ja nos confessamos vencido, e não será certamente com o nosso auxilio, que o redactor desse pasquim fingirá mais uma corda desses louros que a canalha se discernir no portaõ da feira.

O que importa saber na grave questão que temos agitado, é se a Gasetta discutio, e combateo os factos que devem esclarecer a justiça quando, alheia ás paixões, quizer indagar deveras, se o sr. J. Romão de Norões foi victima de um envenenamento.

Antes de chegar a este ponto, a Gasetta sentindo de antemaõ a fraquesa de seus argumentos, procurou fortalecer a ideia de que a morte de nosso amigo foi o resultado de uma pneumonia chronica, outr'ora tratado pelo sr. dr. Marrocos, que então declarou ao seo enfermo, que se não vivesse muito regularmente acabaria a vida do mesmo mal, e que depois disso "o sr. Romão (é a Gasetta que falla) foi vivendo ora peor ora melhor até que foi sorteado para a ultima sessão do jury neste anno."

Onde ouviu a Gasetta esta historia? Os amigos do sr. J. Romão, sua familia inteira, seus irmãos e parentes nunca o virão nesse estado, ao contrario o acharão sempre robusto e sadio; o sr. J. Romão não se queixava, e o dr. Marrocos está ausente desta terra ha quatro annos...

Desejamos ao m-nos que a Gasetta apontasse o nome de quem lhe disse tantas cousas que todos ignoraõ, porque assim talvez podessemos apreciar a novella publicando simplesmente o nome do novelleiro.

Proseguindo a Gasetta, conta a molestia do sr. J. Romão, do modo que lhe apras, ou antes fas de um incidente passageiro de seo mal a causa primordial dos soffrimentos que lhe derão a morte; quando é geralmente sabido, e a Gasetta confessa, que o sr. J. Romão deixara os trabalhos do jury por sentir-se incommodado.

Logo a circumstancia de haver-se levantado á noite, não foi a causa principal de sua molestia, e é forçoso confessar que ja havião predisposições. Alem disso a celeridade, com que se manifestarão, nessa occasião, os symptomas do mal, exclue a ideia de que este resultasse de uma causa tão immediata. Nesta parte a Gasetta é quasi incomprehensivel. Ora o sr. J. Romão tinha uma pneumonia chronica, que segundo o medico devia ter um termo fatal, ora adoõce pelo facto de ter posto os pés descalços no chaõ, ora o incommodo ja era de dias, e de tal natureza que o obrigou a sahir do jury!...

Dopo de ter perdido o equilibrio nestas miseraveis contradicções, a Gasetta esbio no seo elemento natural, tomou as armas que sabe manejar com admiravel destresa, e passou a calumniar-nos. "O povo não acredita no imaginario envenenamento, por que sabe que essa calumnia partio de meia dusia de perversos que um dia depois de morto J. Romão reunirão-se e assentaráõ que convinha propelar esse boato."

Tambem podiamos dizer « O povo acredita na realidade do envenenamento, porque sabe que este crime partio de meia dusia de perversos, que desesperados pela derrota, e certos de que o sr. J. Romão era um caracter inflexivel assentaraõ de desfazer-se d'elle por uma dôsesinha de—arsenico— » mas felizmente temos consciencia e nunca afirmamos se não o que vemos plenamente demonstrado.

E' assim que temos discutido a questãõ e analysado os factos, que se prendem á ella.

Para que inventava-se um envenenamento na quadra actual? Que vantagem politica colheria o partido liberal no Crato? O bom senso repelle a ideia de semelhante manejo.

Mas o que é certo, é, que não podiamos deixar de apreciar devidamente toda essa serie de indicios ja descobertos, que, se não provaõ á toda luz uma propinacãõ, abalaõ de tal modo a consciencia publica, daõ lugar ás mais vehementes presumpções, e pedem as mais serias indagações da parte da justiça.

Era neste terreno que a Gasetta nos devera acompanhar, e nunca socorrer-se á uma negativa systematica a respeito de tudo quanto dicemos, a esse expediente certamente illogico, e que, longe de dar-lhe ganho de causa, veio ao contrario fortalecer o juizo de muitas pessoas e dar corpo ás suspeitas de outras sobre a questãõ.

A redacçãõ da Gasetta, ou é cega, ou não quer ver, o que é peor ainda.

(Continua.)

—\*—\*—  
PERSEGUIÇÃõ.

O Sr. Perigoso parece querer levar ao desespero a populaçãõ desta terra, a quem persegue por sua conta e como instrumento de meia dusia de homens que formara aqui o chamado partido saquarema, processa, ameaça e as vezes insulta em face as proprias victimas. Entre os innumerados infelizes sacrificados á sua vingança brutal, existe ha mais de 15 dias na cadeia Pedro Tiúba, sem que até ágora se lhe houvesse formado processo! No acto de o prenderem no Juaseiro se lhe impoz a condiçãõ de votar com os saquaremas, se quisesse ser solto, mas como Tiúba não se quis sujeitar a isso veio para a enxovia!

Parece que estamos em um paiz de barbaros onde a lei é a força, e o direito á oppressãõ, e não se encontra garantia em autoridade alguma, desde o juiz de direito até o inspector de quartelãõ. Todos perseguem, a sua vez ou pelo menos consentem na perseguiçãõ. O juiz de direito fecha os olhos para não ver, o juiz municipal vive a passear, o promotor publico só uma vez desde que é promotor, incommodou-se com uma prisãõ que passou de 24 horas, a de Pedro Morte!

Assim pois não temos para onde appellar, e toda a resignaçãõ que temos apresentado ainda não basta para supportarmos os srs. Perigoso, Pontes Simões, Crus do Joaseiro etc.

Talves um dia tanta paciencia tenha limites.

—\*—\*—  
O JUIZO MUNICIPAL.

Não obstante serem tão canhecidas as disposições do decreto de 18 de março de 1849, pelas quaes o juiz executor das sentenças crimes, no mesmo despacho em que as manda cumprir, deve ordenar as diligencias necessarias para a liquidacãõ das multas, de que forem ellas acompanhadas, e não obstante ainda o que foi declarado por aviso de 15 de junho deste anno, isto é, que, para que um réo po-

desse ser conservado na prisãõ a pretexto de multa era indispensavel que esta se achasse não só liquidada, mas tivesse sido communicada; observa-se que miseraveis, ja meses antes da condemnacãõ recolhidos ás prisões desta cidade, são ainda nelas conservados muitos dias, porque o Sr. Juiz Municipal esqueceo-se de fazer a liquidacãõ da sua multa, ou não pode e não quer occupar-se disto!

E' preciso que o Sr. Presidente da provincia procure levar o Sr. Barbosa ao cumprimento de seu dever, ja que, irresponsavel, como é, ante seu collega da vara de direito, não quer, (ao menos para indemnisar o Estado do ordenado que lhe paga,) cuidar das cousas de maior urgencia.

No momento, em que lançamos esta bem cabida censura ao Sr. Barbosa, está supplica a S. Exc., existem recolhidos á cadeia dois individuos, cujas penas ha dias, estão cumpridas, e dirigem inuteis e repetidos pedidos ao Sr. Barbosa para fazer liquidar a sua multa. O Sr. Barbosa responde que está occupado, e os miseraveis que se nãcem!

---

## PUBLICAÇÕES A PEDIDO,

---

### PROTESTOS.

Tendo lido no nº 10 da Gasetta do Cariri ( Caiporãõ ) de 24 de novembro p. p. — o Passageiro — que dis ouvira ao reverendo sr. Lima-verde dizer sobre a morte do nosso irmão e amigo José Romão de Norões: « Ora que Mãã sempre ha de andar com cavilações! Para que esses embustes de envenenamento? Elle bem sabe, que o genro era doente, e que nosso parente, o dr. Marrocos, tendo-o tratado de uma pneumonia, muitas vezes prognosticou, que elle tinha — predisposições para contrahir essa enfermidade, da qual havia morrer, » declaro que isto é uma patacoada, que faz vergonha. O reverendo sr. Lima-verde tal não dice, pois fazemos d'elle melhor ideia, e se o dice, soffria alienaçãõ mental: admittido isto como verdade e que estava em seu senso, o convidamos, para que nos diga em que tempo o dr. Marrocos, ou outro qualquer medico, ou curandeiro, o tratou dessa enfermidade, e perante quem o dr. Marrocos, ou outro qualquer fez este prognostico. Nós, irmão sempre amigo e unido, morando quase visinho, nunca della tivemos noticia. E' verdade que o nosso finado irmão sempre gosou saude e robustez, até o dia em que, na sala das sessões do jury desta cidade, bebeo o fatal côpo d'agea, e logo sentindo-se incommodado, cahio doente, e morreo!

O nosso parente dr. Marrocos nunca o curou de molestia alguma, e como fãna esse prognostico?

Protestamos contra semelhantes escriptos, com fim talvez de encobrir um negro crime. O nosso finado irmão não tinha a minima intriga com pessoa alguma, o seu unico delicto era ser o juiz de paz mais votado.

Esperamos da alta justiça de Deos a puniçãõ dos delictos, e que não desamparará os afflitos e innocentes.

Crato 29 de novembro de 1860.

Joaquim Romão Baptista.

Ouvindo contar que na folha Gasetta, sahio a publico que meo tio o reverendo sr. Lima-verde, dicera que o sr. Dr. Marrocos curou a meo finado marido

José Romão de Norões de uma molestia nos bofes, e ficara que elle havia morrer desta molestia: declaro em abono da verdade, que dito Dr. Marrocos nunca o curou de molestia qualquer; e como dizia isto?! . . .

O meo finado marido gosava saude e robustês, e nunca me constou soffresse molestia alguma no interior. Só sim sei, que foi assistir ao jury no Crato, e de lá veio doente, queixando-se de que na salla livre da cadeia bebeo um copo d'agoa, e que lhe fes muito mal, e o levou á sepultura.

Monte-alegre 23 de novembro de 1860.

Josephina Leopoldina Maia de Norões.

### COMMUNICADOS.

Lendo a Gazeta de 24 do corrente, cheia de apódos e mentiras contra minha reputação, julgo-me no rigoroso dever de responder aos detractores vis, aos calumniadores que fazem a sua redacção, e começando, lhes perguntarei si a facção perdida, de que fallaõ, é aquella, que recorreo a ultima infamia, de que podia lançar mão, insuflando a canalha que a segue, e, pelo mais atros dos crimes, tentando colher de seus adversarios um triumpho que não lhe é devido por nenhum dos principios consagrados nas insinuações do país?

Entre nós e vós, parece que é mais razoavel tomar-vos por tal, e o tempo sem duvida evidenciará, que em vossa injustiça e odio creastes a mais bella expressão, debaixo da qual se vos deve conhecer.

Isto dito, cumpre-me passar á demonstração das falsidades, em que abundastes. É uma mentira que eu disse a alguém que sabia que meo genro e amigo José Romão estava envenenado, isto desde o dia, em que elle cahio doente. A que pessoa dice-o eu? Ah! está o meo interrogatorio, tão a pressa exigido pela promotoria, onde ficou dito que desconfieei que meo genro estava envenenado, sómente quarta-feira, á noite, trinta e tantas horas antes do seo passamento, o que não publiquei, porque, si de um lado ignorando tudo o que tinha havido, eu não tinha bons fundamentos, para fazer circular a minha opinião, de outro, na duvida, temia ir talvez comprometter essa vida preciosa. Qual era a razão de me possuir de semelhante suspeita, dir-vos-hei; era os dieterios do sr. Costa, Ferrer, e outros. Mas não foi de mim que partio essa ideia, que, momentos depois de succumbir a victima, preocupou todo o publico sensato dessa cidade. Chegando o cadaver ao Crato, sabido pelas 6 horas da manhã, ja voava de bocca em bocca, que meo genro morrerá envenenado de um copo d'agoa que lhe dera o official de justiça Pedro Morte, e testemunhas appareciaõ que o viraõ ir buscar essa agoa fóra do tribunal do jury, quando havia na casa uma jarra, dondê se servia a todos, qua a pedião. Dizia-se tambem que esse official fora visto diversas vezes minido de um frasquinho, o que era um indicio que confirmava as suspeitas da população. E acaso revelei a alguém estes factos, que iam chegando ao meo conhecimento? Dando desde logo o facto por provado, indiquei os agentes do crime? Poderá-o fazer, pois infelizmente muito ja estava revelado, para justificar minhas apreensões; mas dirigi-me apenas ao delegado de policia, pedindo que me interviesse com os recursos de sua autoridade para o fim de se desdobrar a verdade. Ninguém mais que eu desejava a autopsia; e desde logo communiquei aos srs. drs. Macedo e Ratisbons, que erãõ minhas

intencões chamar o delegado para proceder a ella, quando o cadaver tivesse recebido, como é estilo, as honras funebres. A policia porém não quis fazer escolha de occasião, e pretendeo que, antes mesmo do enterro e na presença de uma familia numerosa que pranteava a perda do seo pae, se procedesse a esse acto sempre penoso ao amor e dedicacão filial. A isto foi que tive de oppôr-me, a isto unicamente, e não vejo quem em boa fé possa negar que procedesse segundo os usos admittidos no país, conforme os preceitos da caridade.

Entretanto, que o diga o mesmo delegado de policia, eu fui o mais pontual em communicar-lhe o momento, em que o cadaver, tendo recebido as honras funebres, ficava á mercê da policia para suas indagações. Nessa occasião occorreo a ideia que deferisse a policia para o dia seguinte o seo exame, eu declarei, que o cadaver estaria ja em putrefacção e seria tarde.

Dis a Gasguita, que andei alliciando testemunhas a horas perdidas da noite. Isto é uma pura mentira da redacção.

Sabendo que Clara de tal vira a Pedro Morte com um frasquinho por occasião de ir á sua casa tomar agoardente; dirigi-me até lá com algumas pessoas insuspeitas, para em sua presença ouvir-a sobre este facto. Ella o renovou, e tendo requerido ao delegada fizesse-a depôr sobre isto, tudo confirmou. Fui ainda as 10 horas do dia á casa de outra mulher, para diser-me, si era verdade, como me diziaõ, ter ella visto a Pedro Morte com porção de dinheiro, o que ella asseverou-me, em presença de pessoas. Fui finalmente á casa do official de justiça Biserra para diser-me, si era verdade, ter asseverado que vira seo compauheiro Pedro Morte com esse frasquinho no bolso, no dia em que dera agoa a meo genro. Elle negou, disendo que apenas ouvira diser isto.

Foraõ estas indagações que os srs. da Gasguita, não sei com que interesse, si com effeito estaõ puros neste negocio, chamaõ alliciar testemunhas, pretendendo que foraõ feitas á horas adiantadas da noite.

Agora pergunto: porque dôc tanto a sarnelha aos redactores da Gasguita? Que fes a policia, ou que providencias tomou?

No mesmo dia em que a policia prendia a Pedro Morte, o sr. promotor bradava que um cidadão achava-se preso sem culpa formada! O sr. Sette, por infelicidade, juiz de direito desta comarca, fallava ja em conceder-lhe habeas-corpus! A um homem, que, por amor do descobrimento da verdade, se devia ter incommunicavel, dava-se toda a liberdade e relação com o exterior: . . . para mim só ameaças umas após outras! . . .

Ha cousas de que nunca tratei, nem trataria jamais, sinaõ fóra provocado.

Quem mandou matar em seo sito Passagem ao capitão Lima pelas 7 a 8 horas da noite, escapando elle por ter a arma negado fogo? Para onde correrãõ os assassinos? Quem mandou matar ao escrivão Duarte? Quem mandou vir Athanasio e Pelingaõ para matar-me, e ao capitão Lima, como declarou um entiado do mesmo quando foi preso pelo capitão Lima? Quem mandou matar-me por João Nolasco e Manoel José, crime que deixou de ter lugar, por que um amigo da Gazeta, que tinha toda a influencia para com J. Nolasco, o levou a não committel-o? Quem mandou matar-me por dous assassinos, de cujos nomes me não lembro, e um dos quaes foi preso, tomando-se-lhe as armas, e confessou á aquelle mesmo amigo da Gazeta ter vindo matar-me

me? Este vosso amigo, homem de bem e de honra, jurará, si o quiserdes chamar a juizo.

Páro aqui, porque isto mesmo que dice foi impellido da aggressão, pois minhas intenções não erão recordar factos que estão passados. O que tenho em vistas, o que desejo ardentemente é ver descoberta toda a verdade dessa tradição de meu genro ter morrido envenenado. Não ha aqui plano politico, porque, como é facil de ver, com isto nada adiantava.

Em conclusão, sou bem conhecido no paiz, como o são os srs. da Gasguita, e pois de minha honra deixo que digão o que lhes parecer, porque não serão suas vozerias, que deem ou tirem reputação.

José Francisco Pereira Maia.

E' sempre miseravel a redacção da Gaseta; mas o ultimo n. foi uma cousa sem exemplo no mundo da porcaria; só em um primeiro artigo, chamado de fundo, encontra-se reunido todo o lixo da cidade. A bestialidade chegou até as regiões do desconhecido. Um artigo, com que fechou a redacção o seo trabalho da semana, a tal sabinada, é cousa guápa.

Vamos notar de passagem alguma cousa mais grossa, limitando-nos ao grande artigo, o artigo de fundo.

O escrevinhador, querendo dizer que o Sr. Romão pedira agoa, sem se dirigir a alguém, dice que — pedira agoa indeterminadamente. Querendo exprimir que Pedro Morte estava na desaffeição do Sr. Romão, dice que — estava fóra do seo desagrado; e indo assina sempre ás topadas e aos canelões, dizia por ex.: — donde emana a ogerisa e perseguição que lhe fasem!; Algumas vezes começava periodos por — sendo que; outros com letras minusculas depois de ponto de interrogação, e até chegou a concluir um sem oração principal!

No entanto diz a gente da Gaseta, que não sei de onde fóra a redacção obsequiada com uma carta, em que se lhe dizia que o seo periodico era oscripto com um gosto admiravel!

Para os erros de orthographia e outros pequenos, ja que é gastar muito tempo querer notar todas as sandices do escrevinhador, fisemos a pequena errata que segue.

Poderíamos por — Podessemos.

Determinamos por — Determinámos-nos.

O official de justiça ( diz o Araripe ) Antonio Biserra por — O official de justiça Antonio Biserra ( diz o Araripe )

Invenenamento por — Envenenamento.

Axar por — Achar. ( Repetio isto todo o tempo. )

Lhe suggere seo animo — ( cousa que não se diz em perfeito juizo. )

Incumbia por — Incumbia.

Conheça como lhe fóra, por — Conheça como lhe foi.

Iguasis por — Iguais

Comunhão por — Communhão.

Fatal frasco por — Frasco fatal.

A' muitos — ( Erro de menino, pois a preposição — a só é assentada antes dos subst. femeninos, para evitar a confusão com o art. )

Persuadil-a — ( Aqui o verbo ficou sem agente. Seguramente será o Sr. Costinha, occulto debaixo de sua cabelleira, que é uma verdadeira látada. )

Leção por — Lição

Depor por — Depôr.

De tudo o que foi mais galante foi... ( Isto aqui é portuguez de negro )

Comprehenderia por — Comprehendera.

Inumer s por — Inumeras

Insinar por — Ensinar.

Inverosimilidade por — Inverosimilhança.

Offerecimento de algum por — Offerecimento de alguém

Des de por — Desde. ( Repetio muitas veses. )

Nunca se-lhe eria Pedro offerecer por — Nunca Pedro iria offerecer-se-lhe.

Avotar pelas suas chapas por — Avotar nas suas chapas.

Sendo esta á fonte por — Sendo esta a fonte.

Maxado por — Machado.

Accusou á Pedro por — Accusou a Pedro.

Callou por — Calou.

Cumpre observar-se por — Cumpre observar.

Serventoarios por — Serventuarios.

Servir d'agoa ao Sr. Romão por — Servir agoa ao Sr. Romão.

Conseder por — Conceder.

Recincho por — Recinto.

E' sabido que a mais pura agoa produza por —

... Produz.

Estando fallando por — Estando a fallar.

Atê por — Até.

Coartada por — Coarctada

Preconceitos — ( O autor servio-se deste termo em lugar de apprehensões. )

Exatas por — Exactas.

Cair por — Cahir.

Pano por — Panno.

Cavidade bocal por — Cavidade bocal, quando fosse licito diser tal cousa.

Inflammação por — Inflamação.

Perplexibilidade por — Perplexidade.

Deveria de ter por — Devia ter.

Abbreviar por — Abbreviar.

Sumamente por — Sumamente.

Faser-se-o de noite por — Faserem-no de noite.

Miasmas mephticos por — Bestidade besta, expressão equivalente. ★★

#### NOTICIARIO.

As noticias mais importantes do exterior e das provincias aqui recapitulamos.

— Victor Emmanuel tinha feito desembarcar parte do seo exercito em Napoles, cuja annexação á Sardenha, bem como a da Sicilia, tinha sido resolvida.

O Rei Francisco 2.º continuava em Gaiéta, com o resto do seo exercito, cercado das forças de Victor Emmanuel, e Garibaldi, e só lhe restando retirar-se por mar.

Garibaldi tinha se conciliado com o ministro sardo conde de Cavour.

V. Emmanuel tinha ido a Napoles á frente do exercito.

Sem embargo temia-se uma coalição entre a Russia e Austria, no sentido de intervirem nos negocios italianos, e, o que mais era, o pronunciamento quase feito da França contra a annexação.

O Piemonte fazia preparativos para resistir, e dizia-se que a Inglaterra colligada com a Prussia se pronunciava pela sua causa.

— Na côrte e no sul dao-se a fusão do grupo moderado saquarema com o partido liberal para opporem toda resistencia aos saquaremas vermelhos, e ao governo que como que começava a recuar. Era energico o pronunciamento das provincias.

Tinha fallecido o commendador Fontoura, victima illustre do punhal saquarema.

— Em Pernambuco corria como certa a demissão do dr. Ambrosio, e a nomeação do Sr. Costa Pinto para substituil-o. O partido liberal estava desposto a apparecer na luta eleitoral.